

# O REPUBLICANO



**v. 2, n. 1, jan./abr. 2020**



EDITORA  
ILUSTRAÇÃO

## Expediente

**Editor:** Fábio César Junges

**Imagens da capa:** Freepik

**Revisão:** Os autores

O Republicano, v. 2, n. 1, jan./abr. 2020

ISSN: 2675-939X

Rua Coronel Martins 194, Bairro São Miguel,

Cruz Alta, CEP 98025-057

E-mail: [ilustracao@gmail.com](mailto:ilustracao@gmail.com)

[www.editorailustracao.com.br](http://www.editorailustracao.com.br)

2020



O Republicano está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

# Editorial

*Uma constituição verdadeiramente livre, em que todas as classes da sociedade gozem dos mesmos direitos, não pode subsistir à ignorância de uma parte dos cidadãos, que não lhes permite conhecer sua natureza e seus limites, obrigando-os a pronunciar sobre o que não conhecem, de escolher quando não podem julgar; tal constituição se destruiria por si mesma depois de algumas tempestades, e se degeneraria numa dessas formas de governo que não podem conservar a paz no meio de um povo ignorante e corrompido (Condorcet).*

O Republicano dedica-se a assuntos literários, políticos e jurídicos representativos do repertório retórico e argumentativo cultivado pelas tradições republicana e democrática. Apresenta textos que discutem conceitos e práticas relacionadas à organização político-institucional da sociedade, à forma de governo, à cidadania e ao modo de exercício do poder público, em sua configuração histórica e significados distintos, ao modo de um diálogo entre interpretações.

As pesquisas de professores e estudantes aqui anunciadas tem por objetivo refletir sobre tais conceitos e práticas, além de abrir espaço para divulgar produtos, empresas, ideias e projetos. Uma boa leitura a quem nos prestigia com seu tempo.

# POESIA VIVA

*Maria Luiza Diello - Psicóloga*

Foucault, brincando ou não, afirmou que um dia o século ainda haveria de ser deleuziano. Disse isso, não antevendo a cronificação dum novo pensamento dominante – até porque, isso contrariaria o próprio pensamento de Deleuze -, mas sim, antevendo a perspectiva da ruptura com o ideário consolidado no imaginário das gentes, provocando uma certa liberação ao viver inventivo, ao viver poético.



O pensamento dominante e ortodoxo criou e sustentou modos de vida e campos teóricos esterilizantes. Em nossa formação cultural, aprendemos a cultivar misérias, dor, desamor, raiva, ódio, guerra; aprendemos, também, a cultivar o ideal do amor romântico que exclui

todas essas coisas (entenda-se aqui, o amor romântico enquanto afeto geral e não endereçado a um campo específico); assim, aprendemos que só há um ou outro campo e que os dois se excluem... mas a vida, a vida corrente é feita não dessa condição binária e dicotômica, e sim, de transversas situações e condições. A vida inclui as belezas e também as feias, as consolidações e as rupturas, as situações as mais diversas, as mais transversas... enfim, é feita de campos de encontro, de desencontro, de entrecruzamentos, de descruzamentos... é feita de discontinuidades... e é nessas condições que outras linhas se criam e se recriam.

Quando olhamos para a vida enquanto invenção poética, a vemos como a condição vital que anima todas as nossas lidas do cotidiano. Não se trata dos versos modulados na exatidão do encontro da (mili)métrica rima das palavras ditas e das palavras escritas; não se trata dos versos impressos e tingidos nos pergaminhos guardados em nossas bibliotecas. Falo do verso que se modula como interioridade, superfície e face de nosso ser e de nosso existir, e que expressa aquilo que criamos em nossos viveres (tanto nos viveres na vida mais recolhida e reservada, quanto nos viveres públicos)... falo do verso enquanto expressão da singularidade.

O viver inventivo, feito da poesia viva (não como condição soberana e profunda do viver e do fazer-se sujeito, mas como modo de vida aberto, fluído e intempestivo), nos movimenta a compor a vida a partir duma ética própria ao sujeito, com suas reentrâncias, com suas dobras, com suas livres escolhas, com suas idealizações, com suas imperfeições, com seus quereres, com seus desejos mais profundos ou os mais superficiais, enfim, a ética, diferente da moral, é feita das escolhas da pessoa (sejam escolhas feitas a partir de imposições, sejam escolhas feitas a partir do seu livre fluir); trata-se de olharmos para nossos modos de vida como escolhas éticas e inventivas, desenhadas por um fazer político... não há escape, pois toda a nossa atuação constitui-se num fazer político, visto que estamos irremediavelmente incluídos nos aconteceres da polis –seja com nossos fazeres e pensares, seja com nossos não-fazeres ou desfazeres e não-pensares-.

Falo aqui, dos viveres, dos fazeres e dos quereres que não cabem no Lattes... de existires compostos de muitas vidas (e não somente da nossa e de uma única vida)... falo aqui, dos nossos fazeres enquanto gente que vive e que trabalha... falo aqui, de compor a vida enquanto poesia viva... falo aqui, de aprender a olhar as gentes com que trabalhamos, como se entidades fossem, dirigindo-lhes um delicado olhar feito de esquizo-lucidez, que nos permita cartografar/ajudar a cartografar as densidades,

as levezas e as intensidades dos viveres que não são somente do outro, mas também são nossos.

É preciso aprender a cartografar... é preciso aprender a olhar a vida para além do pensamento acadêmico clássico... é preciso aprender a escrever a escrita das vidas... é preciso aprender a escrever a escrita composta na poesia das vidas... é preciso aprender a olhar os versos com que transversamos nossos versos... é preciso boniteza no olhar e no pensar... é preciso não querer impor às gentes com que fazemos nossas vidas cotidianas, uma moldura acadêmica à qual teriam que se ajustar para podermos lhes ver... é preciso coragem para ver e sentir a vida do outro (e por consequência, a nossa)... é preciso grandeza para reconhecer que nossas andanças acadêmicas e teóricas nos servem para alumiar nossa ignorância e para nos ensinar a inventar ferramentas e dispositivos que nos ajudem a andar com as gentes e compor seus existires e suas andanças.

Costumamos escrever pouco sobre os vastos territórios das existências que transitam nos campos das políticas públicas ou nos campos mais privados... escrevemos pouco sobre nossas experimentações, sobre nossos pensares e nossos fazeres... escrevemos pouco sobre as vidas com que transversamos nossos versos... cartografamos muito pouco nossas andanças e as daqueles com que andamos... não nos é dado olhar para a escrita de nossos fazeres que fica inscrita na vida das gentes... tai a escrita de que

mais gosto... a escrita da vida... as formas com que a vida se escreve dentro e fora de cada um... isso que chamo de versos que transversam com outros versos.

Os caminhos e descaminhos traçados na geografia das ruas e na geografia das vidas das gentes, não têm linhas fixas... nos mostram as andanças lá por dentro das entranhas dos existires e dos viveres das gentes tortas que não cabem nas exatidões da ciência, da academia ou do olhar com que muitos olham para a vida dos viventes... é com um olhar maiúsculo dirigido às vidas minúsculas, que tornamos maiúsculos esses existires. É preciso ampliar, em vez de reduzir ou fixar. É preciso aprender a desconhecer, para se permitir olhar para além das molduras e quiçá, um dia, vir a conhecer.

Foucault nos mostra muito bem esse pensar e esse fazer visceral, quando da exumação dos arquivos do internamento do Hospital Geral e da Bastilha, na França, fuçando nas entranhas dos prontuários e das vidas abnegadas à sólida entidade chamada loucura (e ele faz isso, na perspectiva de mostrar a vida vista e vivida fora do conceito, fora da moldura; em seu escrito *A Vida dos Homens Infames*, entoa que: “Este não é um livro de história. A escolha que nele se encontrará não seguiu outra regra mais importante do que meu gosto, meu prazer, uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou qualquer outro sentimento, do qual teria dificuldade, talvez, em justificar

a intensidade, agora que o primeiro momento da descoberta passou.// É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos (...) nesses textos, a condensação das coisas ditas, que não se sabe se a intensidade que os atravessa deve-se mais ao clamor das palavras ou à violência dos fatos que neles se encontram. Vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos, estranhos poemas, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário (...). Se eu o fiz então é sem dúvida por causa dessa vibração que sinto ainda hoje, quando me ocorre encontrar essas vidas ínfimas que se tornaram cinzas nas poucas frases que as abateram (...). Não é uma compilação de retratos (...): são armadilhas, armas, gritos, gestos, atitudes, astúcias, intrigas cujas palavras foram os instrumentos. Vidas reais foram ‘desempenhadas’ nestas poucas frases; não quero dizer com isso que elas ali foram figuradas, mas que, de fato, sua liberdade, sua infelicidade, com frequência sua morte, em todo caso seu destino foram, ali, ao menos em parte, decididos. Esses discursos realmente atravessaram vidas; essas existências foram efetivamente riscadas e perdidas nessas palavras (...). Para que alguma coisa delas chegue até nós, foi preciso, no entanto, que um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las. Luz que vem de outro lugar”.

A poesia viva é como lambar as palavras (no pensar de Manoel de Barros)... é como fornicar com o pensamento... copular com as existências ... procriar com os existires... a poesia viva é aquilo que inventamos sem saber que estamos inventando... é aquilo que se sente nas vísceras... é o verso que passa por dentro de cada um e dos outros... não se faz poesia viva sozinho... é sempre com o outro, seja o outro enquanto presença física, seja o outro enquanto presença imaginária!

Taí a vida que não cabe no Lattes e nem nas gramáticas. Taí a vida cujo registro encontramos nos existires de cada um e em suas intensidades ... é nesses transversamentos sem emolduramentos, que vemos e sentimos a visceralidade que é a vida corrente de quem não subtrai da existência nem o mais duro, nem o mais difícil, nem o mais dorido... remexe no interior de suas dobras..... pharresia, incorpora a coragem da verdade como a espinha do seu dorso... verdade da vida nua, vida feita poesia que dilacera suavidades, vida cortante, vida do jeito que ela é. Imprecisa. Poética. Descompassada. Desemparelhada. É a vida que transborda.

# EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

*Prof. Dr. Tiago Anderson Brutti*

Ao meditar sobre os horrores testemunhados nos campos de concentração nazistas, Adorno (1995) exorta que a principal das exigências para a educação deve consistir no impedimento da repetição desses inadmissíveis eventos de intolerância e extermínio. O filósofo acentua na conferência radiofônica Educação após Auschwitz que ainda não há entre os homens uma suficiente consciência quanto às tragédias desencadeadas pelo nacional-socialismo alemão. Se a consciência dos horrores e da possibilidade de retorno à barbárie é fundamental para evitá-la e, assim, garantir continuidade à vida política, então a educação dos homens só tem sentido humanitário se for dirigida ao favorecimento de uma postura crítica e à instituição e fortalecimento de espaços para reflexão que tencionem, sobretudo, evitar a superveniência de tragédias, sejam elas provocadas pela ação ou omissão humanas.

Adorno (1995) critica a concepção segundo a qual a ausência de vínculos de compromisso entre as pessoas foi responsável pelo terror do totalitarismo. E o faz por entender justamente o contrário: que tais vínculos de compromisso representam uma heteronomia que pode tornar as pessoas dependentes de certos mandamentos, não resultantes do exercício da razão de

cada indivíduo. Assim, por exemplo, aconteceu na Alemanha com a disponibilidade das pessoas em ficar do lado do poder, em ter compromisso com o que lhe é externo e mais forte. Muito embora aceitável para um juízo humano evocar compromissos que reprimam o que é sádico e destrutivo, é uma ilusão imaginar que tais vínculos sejam eficazes contra o horror, ou que tornem o mundo e as pessoas melhores. O filósofo adverte que a única força eficaz contra o horror é proveniente da autonomia, ou seja, do poder para a reflexão, para a autodeterminação e para a não-participação.



Tese semelhante apresenta Arendt (1993), para quem o estado de não-pensamento, compreendido como um hábito ou incapacidade de exercer juízos por si mesmo, logra ampliar as possibilidades do horror, porquanto pode conduzir os homens a valer-se de qualquer conjunto de regras de conduta. Nessas condições, pode-se esperar que com o oferecimento

de novas normas supressoras de antigos valores - seja qual for o propósito disso - facilmente muitos homens tornem-se assimilados sem ao menos terem sido forçados ou persuadidos a isso. Esses homens assimiláveis tendem, o quanto mais apegados a velhos códigos, ficarem mais ansiosos em dar arrimo ao novo. Não fosse assim e não teríamos testemunhado um verdadeiro adormecimento da consciência verificado pela prontidão com que determinados valores foram invertidos na primeira metade do século XX: “foi muito fácil para os governantes totalitários inverter os mandamentos básicos da moralidade ocidental - “Não matarás”, no caso da Alemanha de Hitler; “Não levantarás falso testemunho”, no caso da Rússia de Stalin” (ARENDDT, 1993, p. 159).

“Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir”.

Um afastamento da barbárie é decisivo para a própria sobrevivência da humanidade, ressalta Adorno (1995). E o esforço pela desbarbarização não pode ser imaginado de forma reduzida no plano de um elogio ou pregação à moderação. Isso porque no decorrer de uma luta contra a barbárie podem ocorrer algumas revoltas em que a ação humana também possa ser considerada como bárbara, partindo de um conceito formal de humanidade. Para o autor,

uma educação apoiada na força e voltada à disciplina é equivocada. O elogio à pretensão de ser duro difunde uma certa indiferença contra a dor em geral. Nos termos de Adorno (1995, p. 128): “Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir”. Consciente desse mecanismo, a educação não deve laurear a dor e a capacidade de resisti-la, ou seja, não deve incentivar a repressão do medo. Ao não repressar o medo, possivelmente grande parte dos resultados prejudiciais do medo inconsciente e reprimido desaparecerá. O esclarecimento racional sobre o horror, embora não desfaça mecanismos inconscientes, pode fortalecer as possibilidades de resistência favorecendo um clima hostil ao extremismo.



Adorno ressalta que a emancipação não deve ser compreendida como uma categoria estática, e sim dinâmica, como um vir-a-ser e não um ser. Os defensores da emancipação devem reconhecer que, pela disposição do mundo moderno, certamente se formam grandes obstáculos

los contrários a um discurso e ação que favoreçam a emancipação. Todavia, o filósofo indica um caminho: “Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz” (1995, p. 185).

A emancipação ou esclarecimento dos homens implica em que a educação seja realmente voltada para um pensar crítico, para a contradição e resistência. Na perspectiva de Adorno, a educação deve, sobretudo, evitar as condições que autorizem a repetição de Auschwitz. Enfim, a educação deve assegurar, instituir, fortalecer e estender espaços públicos que permitam o exercício do pensamento de cada indivíduo no confronto discursivo, espaços esses difusores de valores como o da tolerância, do respeito à autonomia e à integridade físico-psicológica de todo homem.

### **Referências**

ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARENDT, Hannah. A dignidade da política. Rio de Janeiro: Relume Damara, 1993.

# LENÇO NO PESCOÇO E ADAGA NA CINTURA

*Prof. Me. Fabrício Renner de Moura*

A vitória dos sertanejos de Canudos, liderados por Antonio Conselheiro, sobre expedições do Exército brasileiro, armadas com canhões e metralhadoras, e, a morte de militares experientes de prestígio militar e político, alertou a opinião pública republicana de todo país.

Em Cruz Alta, não fora diferente. Através do jornal republicano “Cruz Alta”, a população informava-se sobre a guerra, constituindo-se na cidade uma atmosfera de rejeição às ditas “pretensões monarquistas” de Conselheiro e seus seguidores. Diante disso, alguns cruz-altenses alistaram-se para lutar em Canudos, como Brenno Sobrinho e o cabo de infantaria Arnaldo Roque.

Ambos integraram as fileiras comandadas pelo coronel do Exército Moreira César, conhecido pela alcunha de corta-cabeças, apresentando-se no final de fevereiro de 1897 na capital federal, Rio de Janeiro.

Brenno Sobrinho, articulista do jornal “Cruz Alta”, afirmou que durante a campanha “viu morrer os grandes defensores da República e até viu o cadáver do bandido Conselheiro”.

Com o fim da guerra, em outubro de 1897, Brenno retornou a Cruz Alta.

O cabo Roque, no entanto, não retornara para casa.

Natural da localidade de Espinilho, zona rural de Cruz Alta, Arnaldo Roque dedicava-se na extração de madeira nativa, na criação de animais e na agricultura de subsistência. Com a ajuda de sua mulher e filhos, comercializava o excedente da produção nas lenheiras e nos pequenos armazéns da cidade.

Estimado pelos republicanos por ser fiel defensor da República, com frequência era solicitado a trabalhar por tempo determinado na Intendência, geralmente na guarda municipal. Quando havia tempo, gostava de apostar nas corridas de cavalos; seu animal predileto era chamado de “galgo”; costumava beber e jogar nos bares da cidade e nas proximidades da pequena estação ferroviária do Espinilho.

Como cabo de infantaria, lutou na Revolução Federalista (1893-1895) contra as tropas do maragato Aparício Saraiva, quando em outubro de 1894, sitiou o centro de Cruz Alta e cercou sob pesado fogo de artilharia a sede administrativa.

Combatente experiente, Roque apresentou-se para mais uma guerra. Devidamente pilchado, com lenço branco e adaga na cintura, foi para o Rio de Janeiro e, em seguida, para o interior da Bahia. No dia 3 de março de 1897, ao lado de aproximadamente 1300 homens armados com metralhadoras e 6 canhões, participou da invasão ao arraial de Belo Monte.

Mesmo ocupando algumas casas de Belo Monte, o pânico causado pelos franco atiradores sertanejos camuflados na vegetação árida da região, bem como a morte do comandante Moreira César, resultou na derrota humilhante da expedição.

Cerca de 200 soldados do Exército foram mortos ou desapareceram, sendo um deles o cabo Arnaldo Roque.

Seu corpo jamais foi encontrado. Para a família, restou o lamento e, a partir daí, o início de uma árdua luta pela sobrevivência, já que Roque era o principal provedor. Se prometeram-lhe garantias antes de partir para a Bahia, possivelmente não foram cumpridas, pois poucos dias após a confirmação de seu desaparecimento foi aberta uma campanha para doações.

Militares, políticos, comerciantes, jornalistas e a comunidade em geral do Rio de Janeiro e de Cruz Alta arrecadaram agasalhos, comida e quantias em dinheiro que, segundo o jornal “Cruz Alta”, chegou a um conto de réis. A exemplo de outros conflitos, constatou-se a omissão do Estado em garantir algum benefício à família do “heróico cabo Roque”.